

Diretor: MANUEL DA SILVA CAMPOS  
Editor: CARLOS MARIA COELHO  
Propriedade da CONFEDERAÇÃO GERAL  
DO TRABALHO  
Aderente à Associação Internacional  
dos Trabalhadores  
Assinatura: Incluído o Suplemento semanal,  
Lisboa, nos gabinetes Provincia, 3 meses 28\$50.  
África Portuguesa, 6 meses 70\$00; Estrangeiro,  
6 meses 110\$00.

Domingo, 22 de Fevereiro de 1925

DIÁRIO DA MANHÃ

# A BATALHA



PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

PREÇO 30 CENTAVOS — ANO VI — N.º 1916

## A amizade dêles

### Uma questão justa

O génio dramático nasce dum decreto?—Um protesto de jornalistas, críticos e escritores

Assinada por inúmeros escritores, actores, jornalistas, críticos teatrais e escritores vai ser presente à Câmara dos Deputados a seguinte representação:

Os abaixo assinados: actores, críticos, teatrais, escritores e jornalistas, veem perante o poder legislativo, em defesa da arte teatral protestar contra o decreto 9764 que já várias vezes tem sido prorrogado pelo qual de futuro só podem exercer a profissão de actores os alunos da escola

tipográfica.

Este documento legislativo reporta-se ao decreto de 25 de Maio de 1911. Ora o relatório que antecede este decreto lamenta a decadência do teatro nacional e elucida: o teatro de propaganda animada que rompesse, audacioso e justiciero, contra o preconceito e o dogma, contra a podridão de cima e o servilismo de baixo, esse teatro livre, irreverente e ativo, mas generoso e emancipador só por acaso e raras vezes conseguia vêr a luz da ribalta." Isto em 1911. Estamos em 1925 e esse teatro "generoso e emancipador" continua a ser apenas representado pelos alunos da Escola-Teatro, escola livre, dirigida pelo mestre Araújo Pereira.

Nas oficinas, as crianças e as mulheres são remuneradas com salários irrisórios e a chamada legislação de protecção a elas especialmente destinada é letra morta por culpa exclusiva dos patrões que a não cumprem. As mulheres e as crianças têm trabalho nocturno, quando aos patrões lhes convém e um trabalho excessivo além do máximo determinado legalmente. As mulheres grávidas têm de suportar o período de gravidez ou trabalhando, em prejuízo do filho que está para nascer, ou deixando de receber salário e alimentando-se mal em prejuízo dela e da criança que traz no ventre! Além disso a higiene das fábricas é revoltante, algumas são verdadeiros focos de infecção, alfobres de doenças.

E tudo isto feito por amizade aos operários?

A verdade é esta: sempre que o patrão considera uma despesa, desiste dela quando entende que dela não resulta um lucro imediato. Estupidamente quase todos consideram que as despesas feitas com um pouco de bem estar para a classe trabalhadora não são reproduitivas e não dão uma intensificação à produção. Por isso as não fazem.

A saúde, a própria vida dos operários correm perigo? Não importa. Inutilizados ou mortos estes, outros virão, não faltam braços. Assim, quando os operários envelhecem, prontamente os substituem por outros mais novos. Muitas vezes têm mais cuidados e atenções por um simples animal, que se lhes morrer, representa para eles um prejuízo (é sempre o interesse egoísta que os move e não um sentimento de piedade por todos os seres viventes, do que por um operário que os sirva e cuja vida lhes não interessa).

Como é, pois, que o Seculo quer que nós julguemos que toda esta atitude não é senão uma deferença, uma ternura da parte dos patrões que temos de considerar como nossos grandes amigos e protectores? Só por caçada. E vê lá que veiu na quadra própria.

Não: — os trabalhadores intelectuais não deixam passar sem protesto, esse crime de lesa-arte.

Escreveu um defensor do teatro: «—o levantamento da arte dramática está em substituir o teatro immoral e sem objetividade que se exibe, pelo teatro educador, desenpróprio—o Juvenia.

Argumenta o autor do decreto 9764 que é preciso promover o levantamento da arte dramática nacional. Estamos perfeitamente de acordo. Mas de maneira?

Nós desejamos o teatro livre, aquele teatro preconizado pelo relatório-preambular do decreto de 1911, o teatro "generoso e emancipador". Entretanto o autor do decreto 9764 deseja o levantamento da arte, pelo monopólio da arte!

Não: — os trabalhadores intelectuais não deixam passar sem protesto, esse crime de lesa-arte.

O art. 3.º do citado dec. 9764: que de futuro «nenhum documento de licença (para representar) será passada pela Inspeção Geral dos Teatros sem que pelo artista seja apresentado o diploma da Escola de Arte Representar». Essa "diploma de artista dramático" só para os alunos que concluirm o curso com (1.º ou 2.º prémios), mas só os 1.º tem ingresso no Teatro Nacional. Todavia o art. 53.º acrescenta: —podem ainda alcançar o referido diploma os indivíduos estranhos à Escola que tenham exercido a profissão de artista dramático, evidentemente comprovada, por tempo não inferior a cinco anos." Isto é de futuro pode representar uma curta que tenha exercido o seu mister em qualquer teatro de feira, durante aquele período. Não podem representar os artistas com manifesta vocação, talento, saber, representando com arte o mais trabalhoso dos papéis cómicos ou dramáticos! Não podem, representar os amadores dramáticos, embora com manifesto valor. Não podem representar os alunos da Escola-Teatro, de Araújo Pereira, embora essa escola possua "material scénico", um teatro próprio, tenha valores artísticos, e exiba o teatro "generoso e emancipador". Parece que o legislador teve como objectivo atingir a Escola-Teatro, a escola livre, de onde saem artistas conscientes.

Não, senhores legisladores, não consentis que se monopolise a arte.

Amanhã, outro decreto ampliará o 9764, e encenações, pintores, escultores, caricaturistas, poetas, prosadores, todos os trabalhadores intelectuais; carecem de licença ou antes de... matrícula!

Senhores legisladores, os abaixo assinados em defesa da arte dramática, vem respetuosamente solicitar a revogação do dec. 9764.

Amanhã é posto à venda mais um número interessantíssimo do

Suplemento literário de A BATALHA

SUMÁRIO:

A ordem dêles...

Animatógrafos, pela médica D. Adelaida Cabeote.

O Teatro Livre, por Eduardo Frias.

Ecos da semana.

O Conto do Suplemento—O escravo redimido, por Ferreira de Castro.

A margem duma conferência, por José Carlos de Sousa.

Origem e evolução do Carnaval.

Júlio Dantas em pantufas, entrevista com o grande escritor.

A alma russa.

O Carnaval miserável.

Fotografias artísticas, "clichés" de A. Santos.

O que todos devem saber...

Chico, Zecas & C.º.

O julgamento de Arias, Queirós e Rivera

Tinha sido marcado para o dia 19 de Janeiro o julgamento dos três operários, Arias, Queirós e Rivera, aos quais a-pesar-de inocentes, quer a burguesia cubana condenar à morte sob a acusação de assassinato por envenenamento, mas por qualquer motivo particular foi o julgamento adiado para o fim do mês. Não sabemos, o que se passou, mas a justiça de Cuba, às ordens dos capitalistas, deseja aniquilar estes três trabalhadores conscientes, e não hesitará em fazê-lo, no caso em que o proletariado revolucionário lho consinta.

Continuarão elas a intentar a intriga?

As "fórcas-vivas" e os reactionários veem estabelecendo em torno do exército uma intriga baixa e reles, no intuito de levar aquela corporação a praticar qualquer acto violento contra o proletariado e os avançados que estão desenvolvendo uma energética campanha contra os exploradores, campanha, aliás, que longe de prejudicar os componentes do exército, antes os beneficia porque na sua esmagadora maioria também são explorados pelos negociantes sem escrupulos e pelas oligarquias financeiras.

Essa intriga não tem surtido efeito, portanto o exército, composto por sua maioria por pessoas que, como o povo, nada vendem e, portanto, não roubam o fregues, comprende muito bem que, colocando-se ao lado das "fórcas vivas" para vibrar no país um golpe de força, vibraria um tremendo golpe nos seus próprios interesses.

Mas a teia de mentiras dos reactionários habitamente insinuadas na opinião pública, rapidamente se desfa.

A repartição do gabinete do ministério da guerra comunicou à imprensa não ser verdade que aquela repartição se tivesse falado na substituição de alguns comandantes das unidades de Lisboa, como noticiou o Diário de Lisboa de ante-ontem, nem tanto pouco ser verdade que qualquer comissão tivesse pedido ao sr. presidente do ministério a substituição de alguns comandos das unidades de Lisboa como informou o mesmo jornal.

Também o sr. Martins Santareno, secretário da comissão que promoveu a manifestação a Belém, declara ser absolutamente falso que qualquer dos yogais dessa comissão, ou alguém pelos mesmos autorizado, tivesse pedido a demissão do comissário geral da polícia, sr. Ferreira do Amaral, ou de qualquer outro funcionário civil ou militar.

Continuarão elas a intentar a intriga?

As "fórcas-vivas" pretendem levar o exército a praticar um gesto irre-

-flectido contra o povo :-

As "fórcas-vivas" e os reactionários veem estabelecendo em torno do exército uma intriga baixa e reles, no intuito de levar aquela corporação a praticar qualquer acto violento contra o proletariado e os avançados que estão desenvolvendo uma energética campanha contra os exploradores, campanha, aliás, que longe de prejudicar os componentes do exército, antes os beneficia porque na sua esmagadora maioria também são explorados pelos negociantes sem escrupulos e pelas oligarquias financeiras.

Essa intriga não tem surtido efeito, portanto o exército, composto por sua maioria por pessoas que, como o povo, nada vendem e, portanto, não roubam o fregues, comprende muito bem que, colocando-se ao lado das "fórcas vivas" para vibrar no país um golpe de força, vibraria um tremendo golpe nos seus próprios interesses.

Mas a teia de mentiras dos reactionários habitamente insinuadas na opinião pública, rapidamente se desfa.

A repartição do gabinete do ministério da guerra comunicou à imprensa não ser verdade que aquela repartição se tivesse falado na substituição de alguns comandantes das unidades de Lisboa, como noticiou o Diário de Lisboa de ante-ontem, nem tanto pouco ser verdade que qualquer comissão tivesse pedido ao sr. presidente do ministério a substituição de alguns comandos das unidades de Lisboa como informou o mesmo jornal.

Também o sr. Martins Santareno, secretário da comissão que promoveu a manifestação a Belém, declara ser absolutamente falso que qualquer dos yogais dessa comissão, ou alguém pelos mesmos autorizado, tivesse pedido a demissão do comissário geral da polícia, sr. Ferreira do Amaral, ou de qualquer outro funcionário civil ou militar.

Continuarão elas a intentar a intriga?

As "fórcas-vivas" pretendem levar o exército a praticar um gesto irre-

-flectido contra o povo :-

As "fórcas-vivas" e os reactionários veem estabelecendo em torno do exército uma intriga baixa e reles, no intuito de levar aquela corporação a praticar qualquer acto violento contra o proletariado e os avançados que estão desenvolvendo uma energética campanha contra os exploradores, campanha, aliás, que longe de prejudicar os componentes do exército, antes os beneficia porque na sua esmagadora maioria também são explorados pelos negociantes sem escrupulos e pelas oligarquias financeiras.

Essa intriga não tem surtido efeito, portanto o exército, composto por sua maioria por pessoas que, como o povo, nada vendem e, portanto, não roubam o fregues, comprende muito bem que, colocando-se ao lado das "fórcas vivas" para vibrar no país um golpe de força, vibraria um tremendo golpe nos seus próprios interesses.

Mas a teia de mentiras dos reactionários habitamente insinuadas na opinião pública, rapidamente se desfa.

A repartição do gabinete do ministério da guerra comunicou à imprensa não ser verdade que aquela repartição se tivesse falado na substituição de alguns comandantes das unidades de Lisboa, como noticiou o Diário de Lisboa de ante-ontem, nem tanto pouco ser verdade que qualquer comissão tivesse pedido ao sr. presidente do ministério a substituição de alguns comandos das unidades de Lisboa como informou o mesmo jornal.

Também o sr. Martins Santareno, secretário da comissão que promoveu a manifestação a Belém, declara ser absolutamente falso que qualquer dos yogais dessa comissão, ou alguém pelos mesmos autorizado, tivesse pedido a demissão do comissário geral da polícia, sr. Ferreira do Amaral, ou de qualquer outro funcionário civil ou militar.

Continuarão elas a intentar a intriga?

As "fórcas-vivas" pretendem levar o exército a praticar um gesto irre-

-flectido contra o povo :-

As "fórcas-vivas" e os reactionários veem estabelecendo em torno do exército uma intriga baixa e reles, no intuito de levar aquela corporação a praticar qualquer acto violento contra o proletariado e os avançados que estão desenvolvendo uma energética campanha contra os exploradores, campanha, aliás, que longe de prejudicar os componentes do exército, antes os beneficia porque na sua esmagadora maioria também são explorados pelos negociantes sem escrupulos e pelas oligarquias financeiras.

Essa intriga não tem surtido efeito, portanto o exército, composto por sua maioria por pessoas que, como o povo, nada vendem e, portanto, não roubam o fregues, comprende muito bem que, colocando-se ao lado das "fórcas vivas" para vibrar no país um golpe de força, vibraria um tremendo golpe nos seus próprios interesses.

Mas a teia de mentiras dos reactionários habitamente insinuadas na opinião pública, rapidamente se desfa.

A repartição do gabinete do ministério da guerra comunicou à imprensa não ser verdade que aquela repartição se tivesse falado na substituição de alguns comandantes das unidades de Lisboa, como noticiou o Diário de Lisboa de ante-ontem, nem tanto pouco ser verdade que qualquer comissão tivesse pedido ao sr. presidente do ministério a substituição de alguns comandos das unidades de Lisboa como informou o mesmo jornal.

Também o sr. Martins Santareno, secretário da comissão que promoveu a manifestação a Belém, declara ser absolutamente falso que qualquer dos yogais dessa comissão, ou alguém pelos mesmos autorizado, tivesse pedido a demissão do comissário geral da polícia, sr. Ferreira do Amaral, ou de qualquer outro funcionário civil ou militar.

Continuarão elas a intentar a intriga?

As "fórcas-vivas" pretendem levar o exército a praticar um gesto irre-

-flectido contra o povo :-

As "fórcas-vivas" e os reactionários veem estabelecendo em torno do exército uma intriga baixa e reles, no intuito de levar aquela corporação a praticar qualquer acto violento contra o proletariado e os avançados que estão desenvolvendo uma energética campanha contra os exploradores, campanha, aliás, que longe de prejudicar os componentes do exército, antes os beneficia porque na sua esmagadora maioria também são explorados pelos negociantes sem escrupulos e pelas oligarquias financeiras.

Essa intriga não tem surtido efeito, portanto o exército, composto por sua maioria por pessoas que, como o povo, nada vendem e, portanto, não roubam o fregues, comprende muito bem que, colocando-se ao lado das "fórcas vivas" para vibrar no país um golpe de força, vibraria um tremendo golpe nos seus próprios interesses.

Mas a teia de mentiras dos reactionários habitamente insinuadas na opinião pública, rapidamente se desfa.

A repartição do gabinete do ministério da guerra comunicou à imprensa não ser verdade que aquela repartição se tivesse falado na substituição de alguns comandantes das unidades de Lisboa, como noticiou o Diário de Lisboa de ante-ontem, nem tanto pouco ser verdade que qualquer comissão tivesse pedido ao sr. presidente do ministério a substituição de alguns comandos das unidades de Lisboa como informou o mesmo jornal.

Também o sr. Martins Santareno, secretário da comissão que promoveu a manifestação a Belém, declara ser absolutamente falso que qualquer dos yogais dessa comissão, ou alguém pelos mesmos autorizado, tivesse pedido a demissão do comissário geral da polícia, sr. Ferreira do Amaral, ou de qualquer outro funcionário civil ou militar.

Continuarão elas a intentar a intriga?

As "fórcas-vivas" pretendem levar o exército a praticar um gesto irre-

-flectido contra o povo :-

As "fórcas-vivas" e os reactionários veem estabelecendo em torno do exército uma intriga baixa e reles, no intuito de levar aquela corporação a praticar qualquer acto violento contra o proletariado e os avançados que estão desenvolvendo uma energética campanha contra os exploradores, campanha, aliás, que longe de prejudicar os componentes do exército, antes os beneficia porque na sua esmagadora maioria também são explorados pelos negociantes sem escrupulos e pelas oligarquias financeiras.

Essa intriga não tem surtido efeito, portanto o exército, composto por sua maioria por pessoas que, como o povo, nada vendem e, portanto, não roubam o fregues, comprende muito bem que, colocando-se ao lado das "fórcas vivas" para vibrar no país um golpe de força, vibraria um tremendo golpe nos seus próprios interesses.

Mas a teia de mentiras dos reactionários habitamente insinuadas na opinião pública, rapidamente se desfa.

A rep

## CARTA DO PORTO

**Os mineiros de São Pedro da Cova**  
estão sofrendo uma grande crise de trabalho e redução de salários

Por mais duma vez temos abordado a miséria ingente dos mineiros de São Pedro da Cova. Os informes que últimamente temos recebido força-nos a que, de novo, voltemos a fazer algumas tristíssimas considerações.

O esforço caloroso e titânico que o proletariado desta cidade emprestou ao heróico movimento dos mineiros de São Pedro da Cova, que resultou graves acontecimentos de sérias consequências — terminou por cair no olvido, por ser «escarnecido» pela traição de uns e pela indiferença da quasi-totalidade dos escravos das minas do jesuítacato...

As regalias, morais e materiais, que tão ardentes fôram conquistadas a quando da última greve de São Pedro da Cova, fôram no enxurro do esquecimento e da covardia, indo juntamente com elas tantas energias desperdiçadas pela organização operária...

O grande explorador Torcalo, acolijado pelos seus ajudantes às ordens e pelo colosal ronha do abade, teve a suprema e material habilidade de comprar, dando-lhes bons lugares de capatazes, os conhecidos *Nisco* e *Manhos* — aqueles mesmos que o proletariado organizado os auxiliou enormemente para que, no seu julgamento pelos célebres assaltos de São Pedro da Cova — como repercução dos desta cidade —, lhes saisse, quando não a absolvição, pelo menos uma sentença pronunciadamente suavizada...

E os pátifes, atraídos pelos «trinta dinheiros», fiveram o repugnante cinismo de se venderem.

Esta traição tremenda, a reclamar justiça, «escaroticamente» voluntária, ou energeticamente imposta pelo decorrer dos tempos, originou um lamentável desânimo entre os desgraçados forçados do racionalizador Torcalo: eles eram considerados, por aqueles toupeiros humanas sem energia própria, como sendo os nervos, o sangue da classe, da Associação dos Mineiros e Anexos de São Pedro da Cova...

## A traição, a empreitada e a crise...

Calçando o *Nisco* e o *Manhos* todas as suas afirmações; prostritudo o seu passado, traçogicamente vendendo-se às manigâncias da empresa mineira — a desconfiança brotou, logo no embotado — reflectindo prisoneiros das entradas da terra... do jesuítacato...

Os mineiros e anexos, desorientados, deixaram cair a sua colectividade profissional: tressalharam-se... Desorganizados, divididos, sem nenhum contacto de inteligência entre si, esqueceram-se de que o trabalho de emprego fôra sempre a sua ruina, irreflexivamente, de novo: se deixaram cair no conto do vigário, regressando àquele estúpido e prejudicialíssimo sistema de produção. Os stocks encheram-se até trasbordar e, portanto, aconselhar uma dispersão de braços.

O Torcalo, raposa matreira de sacristia, ingressou, mal se esboçou a melhoria cambial, no côro da baixa de salários... O momento era propício e a desorganização dos mineiros excelente...

Como a produção, mercê das intermináveis horas da empreitada, é abundante — despediu uma grande porção de operários;

a crise, propositada, em São Pedro da Cova tornou-se, pois, pavorosa... Famílias semi-pão, corpos sem agasalho, crianças sem bêber, lares sem leito e com a angústia da morte a apousar-se delas... A miséria é a mais extrema imaginável, e cremos que não há pena, por mais superior e scintilante que seja, que possa pintar tan horridos quadros de penitúria. Não são vidas que se observam, são espécies dolorosas que se arrastam, penosamente, pelas estradas lamacentas do logar e são enxovalhadas pelos salpicos que os pneus do auto do Torcalo ilhes arremessam aos tristes farapos esvoaçados...

Sucede, então, este caso revoltante: os despedidos vão, numa atitude humilhante, rastejando pelos arbustos da misericórdia affitivamente implorando, até junto do cíncio, do hipócrita Torcalo pedir trabalho. E o Torcalo, dando uma expressão de riso seráfico ao seu rosto quasi «tetradrómico», lá vai, depois de simular uma montanha de dificuldades, admitindo este, aquele, aquelloutro...

Mas com esta avultante condição: não são admitidos como operários antigos da empresa, mas como modernos, sujeitos a nova inscrição e, portanto, sem regalias de espécie alguma e com os salários rebaixados em 50%... Isto assim, para amostra, que os salários de 85\$00 desceram para 45\$00!

Desta ignobil exploração, até se tem ressentido o comércio local: o desgraçado, depois de sair do degrado da empresa mineira, encatua-se na «prisão» do cubículo até ter de voltar para os trabalhos galériacos...

Uma vantagem conseguiram os mineiros, por intermédio do sotainico bonzo: a de, em logar de trahalharem às noites de sábado, passarem a fazê-lo nas de domingo. E para elas, «descansando» nas noites de sábado, possam, domingo de manhã, assistir à missa...

Tal é a situação degradantíssima dos mineiros de São Pedro da Cova, os quais, pela finura e milionássima vez, estão a pensar no êrro da empreitada e da ruína a que elas os levou. Reconsiderarão e levantar-se-hão mais uma vez, a despeito dos traidores?

20 Fevereiro 1925.

C. V. S.

## Secretariado Nacional de Assistência Jurídica e Solidariedade

## CONSULTAS NO PORTO

Em virtude do Carnaval, a costumada consulta jurídica do dr. Campos Lima no Porto, só se efectua na próxima quarta-feira, às 21 horas e no local do costume.

sas economias, conseguem ter a ilusão de que é possível viver dentro deste admirável sistema de economia social.

A Economia! Eis o grande problema do momento. É necessário que a economia do país seja equilibrada, encenando os cofres da alta finança e do alto comércio do ouro que baste a valorizar o país ante as outras potências capitalistas.

E é necessário que o operariado adquira indispensáveis costumes de economia. E' necessário que elas aprendam a vi-

## O CARNAVAL

## Origens e tradições

A etimologia da palavra carnaval dão-nos uns como vindas do latim *caro*, *carnis*, carne e *vale*, adeus; segundo outros, não entra na sua derivação o termo *vale* que significa tirar, vindo, portanto, a dar na mesma, havendo ainda outros que preferem dar-lhe origem franco-latina, apresentando o vocabulo como derivado de *caro avale*, o que ainda quer dizer a mesma coisa.

Vejamos agora alguns dados históricos acerca deste período de tradicional loucura, que não poupa os povos, ainda os que se encontram num estado semi-selvagem. O carnaval vem, provavelmente, das festas pagãs, como as *bacchanas*, e muitas outras em que as bacantes, na entusiasmada e delirante celebração de Baco, corriam, seminuas, cobertas apenas por peles de tigres, que cingiam com folhas de videira, desgrenhadas, dançando, gritando e cantando ao som de trombetas e cimbais.

Mais, deploravelmente, a graça dos supraditos estudantes nunca mais surge.

A esperançosa mocidade das academias não consegue inventar a graça que os seus confiantes admiradores lhe exigem.

A um transeunte pôem um carapuço de papel, fazendo uma forçada chideira, a que os espectadores se associam pela necessidade em que se vêem de achar graça a qualquer causa para não gastarem imutavelmente o seu tempo.

Nos «raias» dos eléctricos colocam pastilhas de clorato de potássio para produzirem grandes estampidos, o que já ninguém acha graça.

Referi-me aos estudantes em primeiro lugar, porque são elas sempre os que têm mais graça.

E assim se vai desfazendo a lenda da graça que o carnaval tem. Porque essa graça foi sempre obtida à custa de actos violentos e estupidos, que a ninguém entusiasmam já. Porque é impossível achar encarado que a alguém se irritem os nervos, nessa época em que sobre toda a gente pesa a dificuldade de viver numa sociedade em que só existe uma grande maioria que sofre desesperadamente e uma pequena minoria que goza animalescamente do esforço dessa maioria.

Despertaria o riso algum idiota que aparece as orgias das saturnais e comece a celebrar essa festa em 25 de dezembro, abrangendo nela, além do Natal, o Ano Bom e a Epifania, e tanto imitaram essas orgias, que, em 1444, a facultade de teologia de Paris achou do seu dever intervir no caso, o que surtiu tão pouco efeito como o havaí tido Tertuliano, S. Cipriano, S. Clemente de Alexandria e S. João Crisóstomo, os quais vivamente combatem a disfarça da devassidão.

Depois do século XV, fez-se sentir no carnaval a benéfica influência italiana, substituindo a orgia e a obscenidade pelo espírito e pela galanteria; entretanto, em pleno século XX, a grosseria, a banalidade e a devassidão voltou a ser identica à do folião carnavalesco das eras mortas.

Entre os povos semi-selvagens, o carnaval é também um costume arraigado, havendo, por exemplo, os negros do Haiti, que usam pôr-se máscaras brancas, e os índios do Brasil que se arranjam de forma que as suas cabeças parecem a de vários peixes, javalis, tigres e simios. Por sua vez, os árabes imitam danças guerreiras, colididas da tradição romana.

Quanto ao uso das máscaras, diremos que elas nasceram dum intuito imitativo, tendo sido *Thespis* quem primeiramente as empregou.

A princípio faziam-se as máscaras em fantasiosos trajes. Esse riso já não é, porém, o riso da alegria, da troça por aqueles que capricham em fazer figuras parvas. E sim, o sorriso de piedade pelos que, no meio da titanica luta que se vêem travando entre os que tudo possuem e mais querem, e os que já nada possuem e ainda são rouibados — ainda têm ânimo para esquecer «por uns dias» a constante opressão sofrida pelos que não são «fôrças-vivas».

Não se comprehende, no momento em que a sanga opressora e exploradora ameaça tornar-se mais intensa e cruel para os oprimidos e explorados, que de algum destes parta uma gargalhada de carnavalesca alegria.

E, entretanto, para gáudio dos oprimidos e exploradores, não faltarão oprimidos e explorados tolos bastante para esquecer os seus sofrimentos e fingir que se divertem nestas tradições carnavalescas.

E não faltarão oprimidos e explorados que, na quarta-feira, lamentem as idiotices que nos dias anteriores cometem, e que, no carnaval do próximo ano, voltem a cometer as mesmas idiotices.

E se assim estiverem os fados. E só não se será assim, no dia em que muitas dezenas de ladrões tenham conseguido, à custa do sacrifício da sua saúde, da sua vida mesmo, que se tenha já espalhado largamente essa cousa, conhecida apenas de meia dúzia, que se chama — educação.

## A BATALHA

QUANDO HOUVER  
EDUCAÇÃO

## desaparecerá a graça carnavalesca

A situação topográfica do caserio onde habita, em relação à redacção do nosso jornal, força-a a passar pela Universidade de Lisboa, quando para a redacção me dirijo.

E, porque assim é, todos os dias assisto ao espetáculo dado pelos estudantes, na rua da Escola Politécnica, aos que aíndas acreditam na graça dos estudantes.

Meia dúzia de infantis «gazeteiros» da escola primária, aguardam confiados que a incontestável graça dos seus colegas de cursos superiores se manifeste, no que são acompanhados por outra meia dúzia de criaturas a quem a oficina e o escritório não

meia dúzia de estudantes.

Mais, deploravelmente, a graça dos supraditos estudantes nunca mais surge.

A esperançosa mocidade das academias não consegue inventar a graça que os seus confiantes admiradores lhe exigem.

A um transeunte pôem um carapuço de papel, fazendo uma forçada chideira, a que os espectadores se associam pela necessidade em que se vêem de achar graça a qualquer causa para não gastarem imutavelmente o seu tempo.

Nos «raias» dos eléctricos colocam pastilhas de clorato de potássio para produzirem grandes estampidos, o que já ninguém acha graça.

Referi-me aos estudantes em primeiro lugar, porque são elas sempre os que têm mais graça.

E assim se vai desfazendo a lenda da graça que o carnaval tem. Porque essa graça foi sempre obtida à custa de actos violentos e estupidos, que a ninguém entusiasmam já. Porque é impossível achar encarado que a alguém se irritem os nervos, nessa época em que sobre toda a gente pesa a dificuldade de viver numa sociedade em que só existe uma grande maioria que sofre desesperadamente e uma pequena minoria que goza animalescamente do esforço dessa maioria.

Despertaria o riso algum idiota que aparece as orgias das saturnais e comece a celebrar essa festa em 25 de dezembro, abrangendo nela, além do Natal, o Ano Bom e a Epifania, e tanto imitaram essas orgias, que, em 1444, a facultade de teologia de Paris achou do seu dever intervir no caso, o que surtiu tão pouco efeito como o havaí tido Tertuliano, S. Cipriano, S. Clemente de Alexandria e S. João Crisóstomo, os quais vivamente combatem a disfarça da devassidão.

Depois do século XV, fez-se sentir no carnaval a benéfica influência italiana, substituindo a orgia e a obscenidade pelo espírito e pela galanteria; entretanto, em pleno século XX, a grosseria, a banalidade e a devassidão voltou a ser identica à do folião carnavalesco das eras mortas.

Entre os povos semi-selvagens, o carnaval é também um costume arraigado, havendo, por exemplo, os negros do Haiti, que usam pôr-se máscaras brancas, e os índios do Brasil que se arranjam de forma que as suas cabeças parecem a de vários peixes, javalis, tigres e simios. Por sua vez, os árabes imitam danças guerreiras, colididas da tradição romana.

Quanto ao uso das máscaras, diremos que elas nasceram dum intuito imitativo, tendo sido *Thespis* quem primeiramente as empregou.

A princípio faziam-se as máscaras em fantasiosos trajes. Esse riso já não é, porém, o riso da alegria, da troça por aqueles que capricham em fazer figuras parvas. E sim, o sorriso de piedade pelos que, no meio da titanica luta que se vêem travando entre os que tudo possuem e mais querem, e os que já nada possuem e ainda são rouibados — ainda têm ânimo para esquecer «por uns dias» a constante opressão sofrida pelos que não são «fôrças-vivas».

Não se comprehende, no momento em que a sanga opressora e exploradora ameaça tornar-se mais intensa e cruel para os oprimidos e explorados, que de algum destes parta uma gargalhada de carnavalesca alegria.

E, entretanto, para gáudio dos oprimidos e exploradores, não faltarão oprimidos e explorados tolos bastante para esquecer os seus sofrimentos e fingir que se divertem nestas tradições carnavalescas.

E não faltarão oprimidos e explorados que, na quarta-feira, lamentem as idiotices que nos dias anteriores cometem, e que, no carnaval do próximo ano, voltem a cometer as mesmas idiotices.

E se assim estiverem os fados. E só não se será assim, no dia em que muitas dezenas de ladrões tenham conseguido, à custa do sacrifício da sua saúde, da sua vida mesmo, que se tenha já espalhado largamente essa cousa, conhecida apenas de meia dúzia, que se chama — educação.

Raul Duarte diz mais uma vez que a comissão deve sair da União dos S. O. de Faro, no entanto todas as outras Uniões e Sindicatos onde não exista União, devem elaborar um mandado de comissão de concelho e uma comissão de distrital, isto para que essas comissões de concelho elaborem teses a fim de facilitar trabalhos à comissão distrital.

Joaquim Braz, da U. S. O. de Faro, e Valentim José Furtado da Construção Civil de Faro, entendem que é de opinião que a comissão deve ser nomeada pela União dos S. O. de Faro.

Raul Duarte entende que, a conterência deve ser iniciada pelos camaraçadas de Faro.

Manuel Madeira, da Construção Civil de Faro, entende mais que deveria ser nomeada comissão de concelho e uma comissão distrital, isto para que essas comissões de concelho elaborem teses a fim de facilitar trabalhos à comissão distrital.

Este é assim o seu ponto de vista.

Reparem que é de opinião que a comissão deve sair da União dos S. O. de Faro, no entanto todas as outras Uniões e Sindicatos onde não exista União, devem elaborar um mandado de comissão de concelho e uma comissão de distrital, isto para que essas comissões de concelho elaborem teses a fim de facilitar trabalhos à comissão distrital.

Raul Duarte diz mais uma vez que a comissão deve sair da União dos S. O. de Faro, no entanto todas as outras Uniões e Sindicatos onde não exista União, devem elaborar um mandado de comissão de concelho e uma comissão distrital, isto para que essas comissões de concelho elaborem teses a fim de facilitar trabalhos à comissão distrital.

Joaquim Braz, da U. S. O. de Faro, e Valentim José Furtado da Construção Civil de Faro, entendem que é de opinião que a comissão deve ser nomeada pela União dos S. O. de Faro.

Raul Duarte entende que, a conterência deve ser iniciada pelos camaraçadas de Faro.

Manuel Madeira, da Construção Civil de Faro, entende mais que deveria ser nomeada comissão de concelho e uma comissão distrital, isto para que essas comissões de concelho elaborem teses a fim de facilitar trabalhos à comissão distrital.

Este é assim o seu ponto de vista.

Reparem que é de opinião que a comissão deve sair da União dos S. O. de Faro, no entanto todas as outras Uniões e Sindicatos onde não exista

## MARCO POSTAL

Tanira—Agente—Recebida liquidação.  
Granada—João Lourenço Chumbo—Recebemos  
12.000 Assinatura ficou paga ate 5 de Abril.  
Sunchal—Freitas—O curso elemental de Espa-  
ração está esgotado. Fica à vossa ordem a im-  
portância enviada.

Silves—Ass. dos Corticelhos—Mentira religiosa  
esta esgotada. Fica à vossa ordem a importância re-  
cebida.

## Agenda de A BATALHA

## CALENDARIO DE FEVEREIRO

Q.	4	11	18	25	HOJE O SOL
Q.	5	12	19	26	Aparece às 7,33
S.	6	13	20	27	Desaparece às 17,42
S.	7	14	21	28	FASES DA LUA
D.	1	15	22	—	Q. C. dia 8 às 9,10
S.	2	16	23	—	L. C. 10 10,03
T.	3	17	24	—	O. M. 11 10,11
					L. N. 12 10,46

## MARES DE HOJE

Praiamar às 2,20 e às 2,44  
Baixamar às 7,50 e às 8,14

## CAMBIOS

Países	Compra	Venda
Londres, 10 dias de vista.	988,50	995,50
Paris	104,00	104,48
Suécia	120,00	120,20
Bélgica	120,00	120,20
Itália	120,00	120,20
Holanda	120,00	120,20
Madrid	120,00	120,20
New-York	120,00	120,20
Brasil	120,00	120,20
Noruega	120,00	120,20
Suecia	120,00	120,20
Dinamarca	120,00	120,20
Praga	120,00	120,20
Buenos Aires	120,00	120,20
U.S.A. (Bolsas)	120,00	120,20
România ouro	120,00	120,20
Agio do ouro %	120,00	120,20
Libras ouro	100,00	111,85

## ESPECTÁCULOS

## TEATROS

Est. Buts—A's 20,30—A dança das Libélulas,  
A's 24—Baile de máscaras.  
Recital—A's 20,30—A Hora do Amor  
A's 24—Baile de máscaras.  
Teatro—A's 20—Outro eu e Vem cá não  
vou medo.  
A's 24—Baile de máscaras.  
Trindade—A's 21,25—A dança das Libélulas.  
T. P. —A's 21,25—Mola Real.  
Irenê—A's 21,25—Paris-Monte-Carlos.  
Zenúnia—A's 21,30—Juventude.  
Edu—A's 21,25—Fruta Proibida.  
A's 24—Baile de máscaras.  
Marília Vitoria—A's 20,30 e 21,30—O 31 e Rés-Vés.  
Café dos Reis—A's 21—Companhia de circo.  
A's 14—Matinee.  
A's 21—Baile de máscaras.  
Salto Vip—A's 20,30—Variedades.  
Círculo (A Graciosa)—A's 20—Anatomógrafo.  
Brenda Parque—Todas as noites—Concertos e di-  
versões.  
CINEMAS  
Olimpia—Chiado Terrasse—Salão Central—Cinema  
Côde-Salão Ideal—Salão Lisboa—Sociedade Pro-  
motora de Educação Popular—Cine Paris—Cine Es-  
perança—Chanteler—Tivoli—Tortoise.

## PEDRAS PARA ISQUEIROS

Maria Auer, assim como rodas ócias e  
máscaras, tubos, molas, chaminés do 2 e  
3 peças, tampões. Vendem-se no Largo  
Condé Barão, n.º 55 e quiosques.  
Dirigir pedidos a Francisco Pereira Lata  
E' a casa que fornece em melhores co-  
dições.

## LIVRARIA BENASCENCA

Obras literárias, científicas, profissionais  
e artísticas de autores portugueses e estrangeiros.

Trabalhos tipográficos, cartilhos e livros  
de escrituração, mapas de escrituração, ma-  
pas de descarga de colas e de matrículas  
de empresas e cooperativas, Comunhas,  
Juventudes, etc.

Grande sортimento em material escolar,  
artigos de papelaria e escritório, sempre  
nos preços mais baixos do mercado.

Grandes sортimentos de Vitor Hugo, OS  
MISTERIOS DO VELHO, ilustrados e  
encadernados com capas especiais  
em 2 grandes volumes a 40.000, acrescentan-  
do-se de porto o embalagem para a pro-  
vincias.

Sempre novos artigos e novidades lit-  
erárias.

## Joaquim Cardoso

Rua dos Poiares de São Bento,  
27 e 29

## LISBOA

MOLESTIAS DE PELE

Itéfias, impétus, herpes e outras doenças de pele,  
curadas facilmente com a antiga e acreditada.

Pomada de salicálico de chumbo composta

de Alberto Velho, farmacêutico.

Depósito geral: Farmácia Figueiredo

42, rua dos Retrozeiros, 42

22-2-1925

Este tabelião, prosseguiu o cidadão de Nantes,  
vem obrigar-me a assinar o acto pelo qual eu consinto  
em pagar resgate?

O bailio fez um novo aceno de cabeça afirmativo.

Bezenecq, dirigindo-se então a sua filha e afectando  
tranquilidade, disse-lhe com alegria:

Nada receies, querida menina, eu e estes dignos

homens vamos no mesmo momento pôr-nos de acordo,

depois do que, estou certo disso, nada teremos a re-  
cear deles, e dar-nos-hão a liberdade; ora pois, se-  
nhor tabelião, consinto em fazer por meio dum acto

auténtico, em favor do senhor de Plouernel, cessão de

todos os meus bens, que consistem: 1.º em cinco mil

e trezentas peças de prata, depositadas em casa de

meu compadre Thibaldo, o pagador e moedeiro do

bispo de Nantes; 2.º em oitocentas e sessenta peças

de ouro e nove barras de prata, depositadas em minha

casa num sítio secreto, do qual darei conhecimento a

todos os meus bens, estes queridos senhores não nos

fariam mal e nos poriam em liberdade?

Depois, abraçando de novo Isolina, cujo terror co-

meava à dar lugar à esperança, e enxugando com as

costas da mão as lágrimas que derramava a seu pezar,

disse a Garin:

Desculpe, bailio, o senhor comprehenderia a mi-

mina comoção se soubesse dos loucos terrores desta

menina... Mas que quer, na sua idade, tendo até

agora vivido feliz junto de mim..., ela inquieta-se sem

motivo...

Em primeiro lugar, cinco mil e trezentas peças

de prata depositadas em casa do Pagador Thibaldo,

disse o tabelião com a sua voz acre interrompendo

Bezenecq, e sentando-se na reborda da grelha, escre-  
veu em cima dos joelhos, a claridade de uma lanterna.

Em segundo lugar, prosseguiu ele, quantas peças exis-  
tem no tesouro secreto da casa de Nantes?

Oitocentas e sessenta peças de ouro, apressou-se

em responder Bezenecq como se quizesse desembara-  
çar-se bem depressa das suas riquezas; e mais nove

barras de orata de diferentes grossuras.

CONSELHO TÉCNICO  
DA  
CONSTRUÇÃO CIVIL

Encarrega-se da execução de todos os trabalhos que digam res-  
peito à sua indústria, tais como:  
edificações, reparações, limpeza,  
construção de fornos em todos os gêneros, jazigos em todos os gêneros, fogões de sala, xaróes, frentes para estabelecimentos e todos os trabalhos em cantarias e mármore de todas as provin-  
cias.

Telefone, C. 5339

Escrítorio:

Caldada do Combro, 38-II, 2º

## Madeiras

Taboadio 12 palmos.  
Solho à Portuguesa.  
Fôrno em tóscos e aparelhado.

Preços sem competência.

Vasco Mourão  
Rua Nova do Carmo, 35, 2º

## Chapelaria A SOCIAE

Cooperativa dos Operários Chapeleiros  
Grande sортimento em chapéus, lisos e mes-  
mas em cores lindissimas, formatos dos mais alamados fabricantes extrangeiros

## GRANDE NOVIDADE

Especialidade em chapéus de seda  
e FLAMÃO

Chapeu mole, novo modelo americano muito  
elegante, só na Cooperativa A SOCIAL

Armazém e escrítorio: Rua Fer-  
nandes da Fonseca, 25, 1.º

## ESTABELECIMENTOS

Séde: 31, Rua Fernandes da Fon-  
seca, 33

1.ª Sucursal: Rua dos Poiares de  
S. Bento, 74, 74-A

2.ª Sucursal: Rua do Corpo San-  
to, 29

3.ª Sucursal: Rua do Arco Mar-  
quês de Alegrete, 56 58

## FÁBRICA DE BONETS

Chapéu modelo Jauzes (Exclusivo)

Companhia Nacional de Navegação

## Vapor "Angola"

Saiu no dia 1 de Março para Madeira, São Tomé,  
Loanda, Lobito, Mossâmedes, Cabo (Cape Town),  
Lourenço Marques, Beira e Moçambique; e para  
Inhambane, Chile, Quênia, Peabane, Angoco,  
Ponta Amélia, Ibo, com transbordo para  
Mozambique, passagens e maiores esclarecimentos, tra-  
ta-se... Em LISBOA, na Sede da Companhia, Rua do  
Comércio, 55. NO PORTO, na sua Sucursal, R. Nova  
Alfandega, 34.

## REUMATISMO

Sifilitico, Blenorragico, Gotoso,

Articular, Artrítico, Muscular

## "Reumatina"

24 horas depois não tem mais dores

## "Reumatina"

E' inofensiva porque não exige dieta

Preço 8\$00

## "Reumatina"

Vende-se em todas as boas

farmácias e drogarias

## Ró Anti-blenorragico

E' o mais poderoso combatente das blen-

norragias crónicas e recentes. Resultados

immediatos e comprovados pelo distinto mé-  
dico operador dr. sr. Cristiano de Moraes

Caixa 10\$00

Depósito Geral:

A. Costa Coelho

Bomjardim, 440—PORTO

22-2-1925

Este tabelião, prosseguiu o cidadão de Nantes,

vem obrigar-me a

# A BATALHA

## Crise de trabalho e baixa de salários

Uma interessante exposição do Sindicato dos Cristaleiros da Marinha Grande

MARINHA GRANDE, 20.—O Sindicato dos Cristaleiros elaborou uma exposição sobre crise de trabalho, a qual foi entregue ao ministro do Trabalho.

E' dela o seguinte:

"Ante os efeitos terríveis desta crise em que quais tódas as indústrias se encontram mais ou menos envolvidas, a Associação dos Operários Manipuladores de Cristal para suavizar um pouco tanto tremendo efeito, pensou em dividir o trabalho, isto é, fazer com que aqueles que se encontram no trabalho há perto de quatro meses, não viessem a perecer neste embate tremendo, em que a parte exploradora pretende reduzir à miséria aquela parte que tudo produz e que nada usufrui.

Nesta conformidade, o referido organismo pensou em enviar para as fábricas Marquês de Pombal, Central, Luzitana e Nacional, competente mente divididas, os operários que pertenciam às fábricas (actualmente paralisadas) Industrial Portuguesa e Cristal Produces, Limitada. A Comissão de Melhoramentos desta Associação, interpretando o sentir e desejo da classe, fraturou imediatamente de encetar as "démarches" necessárias, para que a fome que imperava nos lares cristaleiros fosse corrida de vez.

Consoante isto, a dita comissão entrevistou o director da Fábrica Marquês de Pombal, sr. João de Magalhães Júnior, que cheio de amabilidades, respondeu que era óptima a sua ideia e que tal disposição só demonstrava que os operários que trabalhavam, encaravam dum maneira galharda o complexo problema da crise que assolava tanto lar. Os outros colegas, afinalando pelo mesmo diapasão, foram concordes, que fossem distribuídas pelas suas fábricas aqueles operários que se encontravam sem trabalho.

Constando à Associação dos Manipuladores de Cristal que as principais causas desta crise se encontram no facto assás lamentável super-produção, e observando que as fábricas Marquês de Pombal, Central, Luzitana e Nacional, empregavam não só todos os operários sem trabalho, como também eram suficientes para produzir os artefactos de cristal que se consomem no país, propôz aos citados industriais e empresas que, de futuro, esses operários ficassem fazendo parte do quadro do pessoal efectivo. Desta maneira, estava implicitamente resolvida a crise em todos os seus múltiplos aspectos, e encontrava-se este aglomerado operário cheio de entusiasmo pelo resultado dos seus trabalhos. Organizaram-se os quadros do pessoal para as fábricas citadas neste relatório.

Feita esta divisão foi pela Comissão de Melhoramentos entregue aos representantes das empresas, as folhas descriptivas do pessoal, que devia de futuro fazer parte do efectivo das suas fábricas. Havia porém a esperar uma resposta dos industriais porque dizia-se tal resolução iria indubbiamente prejudicar as empresas que tinham encerradas as suas fábricas. Já era mais ou menos a manifestação clara de que a Associação Comercial e Industrial e simultaneamente todos os seus componentes, se comprometiam em vés os cristaleiros debaterem-se com uma crise tremendíssima e não só isso como também procuravam a forma de tornar insolvel o problema da divisão de trabalho e regularização da produção. E dizemos que era a Associação Comercial e Industrial, com as suas manigâncias, porque neste intermezzo surge um ofício subterrâneo do sr. João de Magalhães Júnior, dizendo em blague que os seus operários tinham resolvido não dividir o trabalho, porque tal facto não resultava profícuo, nem para os que trabalhavam, nem para os que se encontravam em crise. Constatou-se porém que a afirmação do sr. João de Magalhães Júnior era pura mentira, porque os operários da sua fábrica declaravam em Assembleia Geral que se encontravam dispostos a acatar as resoluções da classe. Ante esta resposta as outras empresas, seguindo-lhe as peugadas, recusaram-se também a aceitar aqueles operários que havia pouco tempo queriam para trabalhar nas suas fábricas. Depreende-se disto que o sr. João de Magalhães Júnior é o testemunha de ferro da questão e o defensor impenitente dos maquinismos da Associação Comercial e Industrial. Para não trair as manigâncias torpes do sr. Magalhães, os srs. Emílio Calo e João de Moraes, industriais novos, recusaram-se também, e desta maneira a Associação dos Manipuladores de Cristal ve caídos por terra todos os resultados do seu humano e lógico trabalho.

É forçoso porém que se diga que a desculpa que os industriais apresentaram primeiramente, e que era o não quererem pre-judicar as empresas que se encontravam paralisadas, se encontra completamente desarmada, porque os dirigentes dessas empresas declararam que não mais pretendiam reabrir as suas fábricas. Concretizando:—A crise que pela parte que diz respeito a esta associação, seria solucionada com a divisão do trabalho, ameaça eternizar-se devido às perfeitas determinações da Associação Comercial Industrial da Marinha Grande que interceptou por todas as formas e meios, a solução desse caso importantíssimo.

Encontram-se por esta razão, duzentos e cinquenta cristaleiros (manipuladores), labilhas, rolistas, pintores e mais não especificados) sem trabalho e sem esperanças de o ter devido à estreita solidariedade que os industriais componentes da dita Associação mantêm entre si. —C.

**A crise na indústria vidreira não pode ficar sem solução**

MARINHA GRANDE, 19.—Embora cheio de boa vontade, não conseguiu minorar a situação cruenta, em que os vidreiros se debatiam vai para cinco meses, porque em vez de tomar o assunto a peito, pedindo esclarecimentos aos próprios interessados, foi buscá-los aos causadores do mal estar presente.

E' desta maneira a crise continuou a agravar-se, sem que o ex-ministro fizesse algo em prol daqueles que tanto sofrem.

Disse o "Século" pela pena do seu correspondente nesta localidade, que a crise vidreira estava atenuada e que iam reabrir tódas as fábricas paralizadas.

Excrevam blague, que só serviu para um

## CONTRA O MOVIMENTO DAS "FORÇAS VIVAS"

### A União dos Interesses Económicos

é repelida por toda a parte pelo povo consumidor farto de ser roubado  
O operariado de Guimarães afirma a sua repulsa contra a U. I. E.

GUIMARÃES, 18.—Conforme fôra anuncia e promovida pela União dos Sindicatos Operários desta cidade, realizou-se na passada segunda-feira, uma sessão magna das classes trabalhadoras dessa localidade, estando muito concorrida e tendo assistido os delegados da C. G. T. (delegação confederal do Norte).

O que é verdade, é que os vidreiros, em nada vêem suavizada a sua crítica situação, porque além de encontrarem fechadas as fábricas onde trabalhavam, ainda têm que sofrer mais as consequências da péssima situação, como a incúria do ex-ministro da agricultura que entendeu por bem não conceder verba para os trabalhos das matas nacionais.

O canastro da paciência está vazio, e com franqueza não sabemos em que dará tam terrível situação.

Há perto de dois meses dizia o dr. sr. Ramada Curto numa entrevista do "Diário de Lisboa":—"Sim, na Marinha Grande morre-se de fome".

Imagine os leitores o que será agora passados que são 60 dias.

Agravada esta situação com o acto assás pérdo de industriais cristaleiros não permitem que os poucos operários que trabalham, dividam pelos que se encontram sem elê, os operários em crise, prêmes de angustia e desespero que mal podem conter estão à mercê dos caprichos dos industriais que são solidários do sr. Pereira da Rosa e quejandos.

Nesta conformidade, e para conhecimento do juvenil ministro do Trabalho, diremos que urge seja atenuada a crise dos vidreiros concedendo verba para a Fábrica Nacional:

porque a obtida com a venda das lenhas não chega para pagar os ordenados chorudos dos guardas-livros e da dr. Costa Júnior!

Não falamos —é bom vêr—nos operários pertencentes à Nacional e que se encontram sem trabalho! Não, esses pertencem à ralé, e por tal não têm direito a remuneração alguma, visto que a Fábrica se encontra paralizada! Quem tem são os srs. guarda-livros e dr. Costa Júnior!

Segundo nos consta, o resultado das vendas foi de 70.000\$00, e se não é a acção de um operário diligente embarcavam no galé, que faz carreira directa para o Val da Dorna!

O sr. ministro do Trabalho deve vir à Marinha Grande vêr de perto a situação dos operários, para depois fazer uma política com resultados profíquos!

Se fizer como o sr. João de Deus Ramos, entrevistando os industriais, vai desta localidade convencido que os operários são uns mariolões que fazem em constante desassossego os infelizes industriais.

Terminando aconselha o operariado a traçar a qual os trabalhadores se devem prevenir, expõe-se em considerações sindicais revolucionárias, pretendendo a numerosa assistência por muito tempo. O orador ataca os intuios reacionários dos magnates da alta finança, os nefastos conjurados da crise de trabalho, terminando por aconselhar todos os trabalhadores a ingressarem nos seus sindicatos profissionais.

Saul de Sousa, da delegação confederal do Norte, saúda todos os trabalhadores da cidade, em nome da C. G. T. Refere-se atraso em que se encontram os trabalhadores e diz que a crise é resultante da grande crise de carácter que se atravessa por isso.

Na crise constitui uma nova especulação contra a qual os trabalhadores se devem prevenir, e aí preparando a defesa.

Mário de Carvalho, da delegação confederal do Norte, saúda o operariado de Guimarães, em nome do organismo que representa.

E' por sô bem horas de acabar com a série ininterrupta de escritos de apelo, e já é tempo suficiente para que as vítimas das oligarquias predominantes deixem de sofrer deve o actual ministro do Trabalho resolver de vez o caso concedendo verba suficiente para que a Fábrica possa funcionar com dois fornos de cristal.

Basta de meios termos e promessas vãs. Os operários fazem trabalho e são bem horas se se lhes fizer o que pedem.

## INTERESES DE CLASSE

### Pelo engrandecimento da classe dos manipuladores de pão

Na situação precária em que o operariado se debate é indispensável que os manipuladores de pão cuidem da sua organização de classe para acompanharem as classes operárias na luta que se vem travando entre o capital e o trabalho. Para os trabalhadores se libertarem do jugo capitalista é forçoso demonstrarem que estão dispostos agora mais do que nunca a não deixarem perder as regalias que têm conquistado a custa de muitas vítimas e de bastante sangue.

Regosse-me um pouco da maneira átila como os manipuladores de pão têm conquistado algumas regalias, mas julgo que é preciso mais energia e mais espírito revolucionário, pois muito há a conquistar moral e materialmente.

Os sindicatos profissionais tem na sociedade futura um papel brilhante a desempenhar, principalmente a dos manipuladores de pão, e já por isso se vê que não só as melhorias de salários que os preocupam, visto que eles desejam educar-se para a sociedade de amanhã.

Em vários países já os manipuladores de pão encontram trabalhando de dia, e em Portugal ainda não constatamos isso, não por falta de reclamação mas devido à má vontade dos governos e dos industriais.

Essa regalia de grande interesse não só para os operários da indústria de panificação como para todo o povo consumidor, é combatida pela má vontade. Com ela esse preceito alimentar seria mais benéficio, com mais higiene e até traria maior lucro para os próprios patrões. Mas para conquistar essas regalias é preciso que os manipuladores de pão se organizem convenientemente, constituindo sindicatos em todos os pontos onde existam manipuladores de pão, fazendo a sua federação e dando a sua adesão à C. G. T. para terem o verdadeiro conhecimento do valor da organização.

O sindicato de Lisboa já tem organizada uma comissão para tratar da conferência de militantes; portanto todos os sindicatos da província devem ajudá-la para que o trabalho seja proveitoso. Temos um exemplo bem claro, com os camaradas de Santarém que, após a organização do seu sindicato, conseguiram imediatamente o descanso semanal, o que não possuíam antes de se organizarem. — Domingos Lopes Bibi Gonçalves, manipulador de pão sindicado.

## Queixas e reclamações

### Contra a bola de trapo

Procurou-nos um morador da travessa da Portuguesa, para nos manifestar a sua indignação pelo facto dos grupos infantis de futebolistas lhe terem partido três vidas de candeiro com as suas bolas de trapo.

Realmente não é desculpável a falta de cuidado dos garotos. Joguem a bola se não tem mais nada, que fazer, mas, ao menos, artam menos vidas aos vizinhos.

O TESTAMENTO DAS VITIMAS DA CATASTROFE DE DORTMUND  
"Estamos perdidos! Combate por uma existência melhor! Vingai-nos dos capitalistas que foram os nossos assassinos!"

Inscrição feita a giz no poço Stein, onde morreram 145 mineiros

constituuição, para as quais solicita a representação da União— nomeados os delegados dos gráficos e dos mobiliários.

• A Associação de Classe dos Moços de Fretes expõe oficialmente ao Conselho a questão existente entre a classe que representa e a polícia administrativa, pedindo o auxílio da União para que, junto do respectivo director da polícia, se consiga uma boa solução do aludido conflito. Este assunto baixou à C. C. para lhe dar o devido andamento.

O delegado do mobiliário refere-se à prisão arbitrária de um outro delegado, da mesma indústria, a pretexto de averiguações sobre as últimas bombas que explodiram. Considerando que as autoridades, mancomunadas com a burguesia, continuam na sua perseguição aos operários;

Que essa perseguição se exerce com mais ferocidade contra os seus militantes, pelo facto de elês serem os orientadores das classes produtoras; este Conselho, reunido em 10 analizando as arbitrariedades cometidas com a enclausura dos camaradas-mobiliários, pela simples razão de serem operários liberais e organizados—formula o seu veementí protesto, fazendo chegar ao conhecimento do chefe do distrito.

Foi igualmente resolvido que esta União tratasse do caso junto do Conselho Jurídico —resolução prejudicada em consequência dos detidos já se encontrarem em liberdade.

A direcção registou a ausência das individualidades convidadas para realizar as primeiras conferências, da série que o sindicato promove no próximo mês de Março.

• Frigateiros do Porto de Lisboa. — Não podendo efectuar-se ontém a assembleia deste organismo fica a mesma convocada para o dia 25, às 13 horas. Neste reunião deverá ser inaugurado o novo estandarte e distribuída as listas para a eleição dos novos corpos gerentes.

Assoiação de Classe dos Caixeiros de Lisboa. — Realiza-se no próximo dia 27, pelas 21 horas, a assembleia geral ordinária, com a seguinte ordem de trabalhos:

1.º Leitura, discussão e votação do relatório moral e administrativo da gerência de 1924; 2.º Nomeação de delegados à U. S. O.; 3.º Nomeação de delegado ao conselho geral da F. P. E. C. (Zona Sul); 4.º Eleição dos novos corpos gerentes.

O relatório, livros e mais documentação relativos à gerência de 1924, encontram-se patentes aos associados no gabinete da direcção das 21 às 23 horas.

REÚNEM HOJE:

• Manipuladores de Pão. — Pelas 18 horas, as comissões administrativa e de melhoramentos para resolver um assunto urgente e inadiável.

JUVENTUDES SINDICALISTAS

Núcleo de Lisboa. — Reúniu a assembleia geral, tendo reiterado a confiança ao camarada Emídio Santana, seguindo-se a discussão da posição deste Núcleo perante a União dos Interesses Sociais e dum seu desgosto por tal procedimento e lembrando-lhe que em Paranhos dorme o sono eterno a construção definitiva daquele bairro operário que fôra deliberado edificar.

Ficou deliberado que em vez de se oferecer à Câmara dando-lhe conta do critério deste documento, vá antes uma comissão.

O delegado da Construção Civil cita o facto de no Registo Civil de Vila Nova de Gaia abusivamente se exigir a cédula pessoal a quem precisa os seus serviços.

O delegado dos mafuadores de calcado congratula-se por se encontrar no seio da União uma camarada representando a indústria do vestuário, congratulando-a agradece e retribui.

Tratou-se, por último: da necessidade dos organismos coadjuvarem mais eficazmente a ação da Comissão Pró-povo Espanhol, agregando-se àquela comissão mais a delegada do vestuário; o motivo do pedido de demissão de um membro da comissão de agitação contra as forças económicas e as razões porque aquela comissão não tem reunião, sendo resolvido clamar, na imprensa, para continuar na próxima quinta feira, pelas 21 horas.

Reúne segunda feira a comissão organizadora.

SINDICATOS DA PROVÍNCIA

Federação dos Trabalhadores Rurais. — Comissão Administrativa — Reúniu em 17 do corrente para tratar de vários assuntos. Aprecia o vário expediente a que deu o necessário despacho. Aprecia um pedido de delegado a Juromenha decidindo satisfazer, resolvendo que o mesmo delegado dê uma sessão no sindicato dos Trabalhadores Rurais de Borba, visto passar por aquela localidade.

• União dos Sindicatos Operários do Porto. — Reúniu o Conselho Federal desta colectividade. No expediente, ofícios do Sindicato Único da Construção Civil e da Associação dos Manipuladores de Pão, acreditando novos delegados, e da Juventude Sindicalista do Porto, comunicando que nos próximos dias 22 e 23 se realizam sessões comemorativas do 5.º aniversário da sua

Considerando que a União dos Interesses Económicos é mais uma força jesuítica revelada como salvadora dum país pelos mesmos arruinado;

Considerando que o parlamento, mais uma vez, deu prova da sua incompetência na questão económica servindo a desenfreada ganância da burguesia e não a vontade nacional em que contra aquela se manifestou ruindosamente;

O povo de Beja, reúndo na Delegação Ferroviária a convite dos organismos operários, delegação ferroviária, associações dos rurais, construção civil e sapateiros, resolve;

1.º — Esforçar-se por manter a frente única dos trabalhadores contra a frente única da burguesia;

2.º — Protestar contra a ditadura que a U. I. E. pretende engendrar na sociedade portuguesa.

A moção foi vivamente aprovada e aclamada encerrando-se a sessão aos vivas à C. G. T. e à A Batalha.

Uma imponente sessão de protesto em Sines